

Pensamento negro e desobediência epistêmica: estratégias de insurgência em “Águas Turvas, Turbulentas”

*Black Thought and Epistemic Disobedience: Strategies of Insurgency in
“Águas Turvas, Turbulentas”*

Dias Dezoito Saracuchepa ¹

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)
Ilhéus, Bahia, Brasil

Inara de Oliveira Rodrigues ²

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)
Ilhéus, Bahia, Brasil

Resumo: Neste artigo, analisa-se o conto “Águas Turvas, Turbulentas”, da coletânea *Nas águas desta baía há muito tempo* (2017), de Nei Lopes, à luz do pensamento negro e da desobediência epistêmica como práticas de insurgência literária. Partindo do conceito de epistemologias dissidentes, propõe-se a leitura do conto como forma de ruptura com os regimes coloniais de linguagem e representação, por meio de uma estética fundada na oralidade, na ancestralidade africana e na subversão do cânone literário branco-ocidental. A narrativa, ancorada em vozes e memórias negras, convoca uma reconfiguração da subjetividade a partir de línguas africanas, referências míticas e figuras marginalizadas como agentes da história. Com base em autores como Walter Mignolo, Frantz Fanon, Cuti e Grada Kilomba, argumenta-se que a literatura de Nei Lopes realiza um gesto estético-político que reposiciona o negro como sujeito epistêmico, ampliando os limites do literário e instaurando uma linguagem insurgente. A análise demonstra como a escrita de Nei Lopes encarna a literatura-que-pensa (proposta pela chamada desta revista): pois, ao mesmo tempo em que narra, produz pensamento crítico, desafia normatividades coloniais e afirma outras formas de conhecimento, existência e imaginação coletiva.

Palavras-chaves: Epistemologias dissidentes. Literatura negro-brasileira. Oralidade e linguagem insurgente. Nei Lopes.

Abstract: This article analyzes the short story “Águas Turvas, Turbulentas”, from Nei Lopes’s collection *Nas águas desta baía há muito tempo* (2017), through the lens of Black thought and epistemic disobedience as literary practices of insurgency. Grounded in the concept of dissident epistemologies, the reading explores the story as a rupture with colonial regimes of language and representation, articulated through an aesthetic rooted in orality, African ancestry, and the subversion of the white-Western literary canon. Anchored in Black voices

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC (Ilhéus, Bahia-Brasil). Bolsista do Programa GCUB-Mob (Moçambique). Integrante do Grupo de Pesquisa Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas (CNPq-UESC). E-mail: saracuchepad18@gmail.com.

² Professora Titular do Curso de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Docente permanente do PPGL: Linguagens e Representações da UESC. Líder do Grupo de Pesquisa Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas (CNPq/UESC). E-mail: iorodrigues@uesc.com.

and memories, the narrative calls for a reconfiguration of subjectivity through African languages, mythical references, and marginalized figures as historical agents. Drawing on theorists such as Walter Mignolo, Frantz Fanon, Cuti and Grada Kilomba, the article argues that Nei Lopes's literature enacts an aesthetic-political gesture that repositions the Black subject as an epistemic agent, expanding the boundaries of the literary field and establishing an insurgent language. The analysis demonstrates how Nei Lopes's writing embodies the notion of literature-that-thinks (as proposed in the journal's call): a text that not only tells a story but also produces critical thought, challenges colonial norms, and affirms alternative ways of knowing, existing, and imagining collectively.

Keywords: Dissident epistemologies. Afro-Brazilian literature. Orality and insurgent language. Nei Lopes.

INTRODUÇÃO

A literatura negro-brasileira configura-se como espaço de insubmissão estética, política e epistêmica, forjada nas margens do cânone e atravessada por processos históricos de exclusão, resistência e reconstrução de subjetividades. Mais do que representação artística, essa produção tensiona o que se compreende como literário, reconfigurando-o a partir de vozes e linguagens dissidentes. Ao promover uma ruptura com os regimes eurocentrados de conhecimento e expressão, a literatura negra afirma-se como prática de pensamento: uma *literatura-que-pensa*, conforme propõe a presente chamada desta revista.

Propõe-se uma leitura do conto “Águas Turvas, Turbulentas”, da coletânea *Nas águas desta baía há muito tempo* (2017), de Nei Lopes, como gesto de desobediência epistêmica e afirmação do pensamento negro. Por meio de uma linguagem marcada pela oralidade, pela incorporação de línguas africanas e pela reconstrução da memória coletiva afrodiaspórica, a narrativa elabora estratégias de insurgência que deslocam as formas normativas de subjetivação impostas pelo colonialismo.

A análise fundamenta-se em autores como Walter Mignolo, Frantz Fanon, Cuti, Grada Kilomba, Ana Mafalda Leite e Molefi Kete Asante, articulando os conceitos de estética decolonial, linguagem insurgente e epistemologias dissidentes. A partir dessa articulação, entende-se que, ao reescrever o espaço simbólico da literatura, Nei Lopes reposiciona o negro como sujeito epistêmico, ampliando os horizontes do saber e, assim, desestabiliza o campo literário nacional.

1 ESCRAVIDÃO, EXCLUSÃO E INSURGÊNCIA: NOTAS SOBRE A LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA

A formação da literatura brasileira está profundamente entrelaçada com as estruturas coloniais e escravocratas que moldaram o país por mais de três séculos. O projeto de construção da nação foi simultaneamente um projeto de silenciamento das vozes negras, de apagamento das culturas africanas e de subalternização das epistemologias não ocidentais. Como afirma Cuti (2010), a literatura canônica brasileira, especialmente nos séculos XIX e XX, reservou à população negra apenas papéis estigmatizados ou decorativos, quando não simplesmente a invisibilizou.

A experiência da escravidão transatlântica, que forjou o Brasil moderno, teve como um de seus principais efeitos simbólicos a naturalização da marginalidade negra nos campos da cultura, da linguagem e da intelectualidade. A abolição formal, em 1888, não resultou em reparação histórica ou inserção cidadã: pelo contrário, como observou Abdias Nascimento (1982), consolidou-se o mito da democracia racial, que mascarou a continuidade do racismo estrutural e reforçou a exclusão da população negra do imaginário nacional.

Na literatura, essa exclusão manifestou-se tanto no campo da produção quanto no da recepção e da crítica. A branquitude das elites intelectuais e editoriais definiu, por muito tempo, o que deveria ser lido, publicado e consagrado. Autores negros foram sistematicamente marginalizados ou lidos sob a ótica do exótico ou do folclórico. Como lembra Conceição Evaristo (2017), o problema não está apenas na ausência de vozes negras, mas na forma como suas narrativas são deslegitimadas ou descontextualizadas quando não seguem a norma estética dominante.

Movimentos como o Negritude, na década de 1930, na África e no Caribe, e os movimentos negros brasileiros, especialmente a partir de 1970 e 1980, começaram a reivindicar uma literatura que não apenas tematizasse a experiência negra, mas que a fizesse desde uma estética própria: afrocentrada, oral, ancestral e insurgente. É nesse contexto que a literatura negro-brasileira se afirma como uma epistemologia dissidente, deslocando os critérios coloniais de “boa literatura” e afirmando outros modos de narrar, sentir e pensar.

A noção de insurgência, nesse campo, não se limita ao conteúdo das obras, mas atravessa também a forma, a linguagem e a relação com os leitores. Escritores como Carolina Maria de Jesus, Solano Trindade, Lima Barreto e, mais recentemente, Eliana Alves Cruz, Jeferson Tenório e Itamar Vieira Junior são exemplos de uma produção que rompe com os silêncios impostos, trazendo para o centro do texto as vozes, corpos e territórios negros.

Nei (Braz) Lopes (Rio de Janeiro, Irajá, 1942) insere-se nesse movimento com singularidade: como intelectual, historiador, compositor e escritor, articula uma produção literária que conecta memória, oralidade, política e africanidade. Perguntado sobre o papel do intelectual negro no Brasil atual, respondeu: “O grande papel acho que deve ser atuar no combate à discriminação étnico-racial e trabalhar pela efetiva inclusão do povo negro na sociedade brasileira, em condições de igualdade com os outros segmentos”³.

De forma consequente, seus contos realizam o que Grada Kilomba (2019) denomina *becoming subject*, o processo pelo qual sujeitos historicamente silenciados assumem a palavra e se tornam produtores de pensamento. Ao ambientar suas narrativas em territórios marcados pela história da escravidão, como a Baía de Guanabara, e ao escolher personagens negros como protagonistas críticos de sua própria história, Lopes reposiciona o negro como agente de enunciação e como sujeito epistêmico.

³ Entrevista a Rafael Gomide Martins, disponível em: <https://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/343-nei-lobes>.

A literatura negro-brasileira contemporânea, portanto, mais do que representar a diferença, produz pensamento a partir da diferença, desafiando o cânone e propondo novas formas de inteligibilidade. Ao integrar tradição oral, línguas africanas e subjetividades marginalizadas, essa produção rompe com a linearidade colonial da história literária e inaugura aquilo que a chamada da revista reconhece como literatura-que-pensa — uma escrita que pensa a si mesma como intervenção no mundo.

2 EPISTEMOLOGIAS DISSIDENTES, ESTÉTICA DECOLONIAL E LINGUAGEM INSURGENTE: NUANCES TEÓRICO-CRÍTICAS

Uma epistemologia dissidente, enquanto categoria crítica, atua no desmonte das hierarquias coloniais de conhecimento e na afirmação de formas alternativas de produzir e validar saberes, ancoradas em experiências periféricas, racializadas e corporificadas. Walter D. Mignolo (2007), Catherine Walsh (2009) e Aníbal Quijano (2005) apontam que romper com o pretense universalismo eurocêntrico implica reconhecer os saberes oriundos das (não) margens, da oralidade, das cosmologias africanas e indígenas, das práticas culturais afrodiáspóricas como formas legítimas de pensamento.

Nas narrativas de Nei Lopes, essa dissidência epistemológica se realiza na forma estética: ao fundir oralidade, plurilinguismo e mitopoética africana, o texto questiona os regimes de inteligibilidade ocidentais e reinscreve a memória negra como centro do enunciado literário. Essa operação estética também dialoga com a proposição de desobediência epistêmica tal como formulada por Mignolo, ou seja, trata-se de uma prática de insurgência cognitiva que opera dentro do campo simbólico linguagem. No caso de Nei Lopes, a escolha deliberada por uma linguagem afro-brasileira, marcada por oralidade, expressões africanas e deslocamentos sintáticos, realiza esse gesto. Como lembra Frantz Fanon (2008), a linguagem carrega a violência simbólica da colonização, e seu uso insurgente transforma-se em ferramenta de recuperação da dignidade e da subjetividade negra.

Nesse ponto, as contribuições de bell hooks (2019) são fundamentais. Para a autora, a linguagem da opressão pode ser subvertida desde dentro, tornando-se linguagem de cura, denúncia e resistência. Em consonância, deve-se nomear a Lélia Gonzalez (1988), que propõe o conceito de “pretuguês” como língua de enunciação negra que desafia a norma culta eurocêntrica. Nei Lopes, ao criar personagens como Caronte, do conto selecionado para esta análise, que narram a experiência negra a partir de um vocabulário próprio, realiza o que Gonzalez e hooks apontam como estratégia de libertação discursiva.

A literatura negro-brasileira, como campo discursivo insurgente é, desse modo, atravessada pela luta por representação, autoria e legitimidade estética. Cuti (2010) discute como a literatura escrita por autores negros rompe com os estereótipos históricos, criando narrativas que elaboram novas formas de subjetividade e de pertença cultural. Essa elaboração também é central em Paul Gilroy (2001), com sua teoria do Atlântico Negro, que vê na diáspora um espaço de trocas culturais e criação de sentidos que transcendem a fronteira nacional e operam em múltiplas linguagens de resistência.

Nei Lopes, ao trabalhar com um enredo situado na Baía de Guanabara, evoca essa geografia da travessia e reinscreve nesse espaço a memória da escravidão e da dor ancestral, mas também da luta e da dignidade. Essa operação literária ecoa as formulações de Ana Maria Gonçalves, Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, cujas escritas também afirmam o corpo negro, a memória coletiva e o território como espaços de insurgência epistêmica.

Outro ponto crucial na escrita de Nei Lopes é a centralidade da oralidade não apenas como técnica narrativa, mas como epistemologia, conforme vem-se afirmando. Em “Águas Turvas, Turbulentas”, a figura do narrador Caronte, espécie de griot urbano, conecta-se às tradições africanas de transmissão de saber, como analisado por Isidore Okpewho (1992) e Ruth Finnegan (2012), especialistas em literatura oral africana. A oralidade, nesse contexto, não é ausência de escrita, mas presença de uma lógica narrativa distinta, coletiva, cíclica, performativa.

Essa retomada da oralidade enquanto forma de pensamento também se articula ao conceito de “escrevivência” desenvolvido por Conceição Evaristo (2017), que vê na experiência vivida e oralizada uma matriz de escrita capaz de denunciar, curar e transformar. Assim, Nei Lopes participa de uma tradição afrodiaspórica em que escrever é também recontar, lembrar e resgatar uma história apagada — função que transforma o literário em campo de disputa epistemológica.

Nesse cenário de disputas epistêmicas e ressignificações estéticas, a obra de Nei Lopes se inscreve como uma narrativa insurgente que articula memória, oralidade e ancestralidade na produção de um pensamento literário dissidente. Seu projeto narrativo não apenas tematiza a experiência negra no Brasil, mas a constitui como ponto de partida para uma elaboração crítica da história, da linguagem e da subjetividade. A seguir, apresenta-se uma leitura crítica do conto “Águas Turvas, Turbulentas”, no qual o autor mobiliza elementos míticos, linguísticos e simbólicos para construir uma escrita que pensa e repensa os traumas e resistências da população negra na diáspora atlântica.

3 LEITURA DE “ÁGUAS TURVAS, TURBULENTAS”, DE NEI LOPES: PERSPECTIVAS INSURGENTES

3.1 ENREDO E ATMOSFERA: RECONTO DO CONTO

Na imensidão turva da Baía de Guanabara, um barco singra lentamente a água densa. Dentro dele, dois homens: João Henriques Lima Barreto, ex-militar, negro, estudado, agora tomado por delírios; e seu companheiro de viagem, Caronte, um barqueiro negro de passado ancestral e fabulado. A travessia não é apenas física; é psíquica, histórica, espiritual.

Seu João fala com orgulho e mágoa. Conta que é formado, que já navegou os Sete Mares, mas que, no Brasil da Primeira República, resta-lhe a humilhação de pilotar uma lancha como um simples barqueiro. Ele é o pai de Lima Barreto, e carrega o peso de uma exclusão histórica: o país que prometeu igualdade, traiu-o como traiu seu filho, o escritor, internado, rejeitado, apagado.

Caronte, por sua vez, começa a contar sua história, mas a linha entre realidade e mito logo se dissolve. Ele narra que foi um príncipe ou escravo, amante da filha de um sultão, traído, vendido para um capitão muçulmano, depois para um europeu. A memória é estilhaçada. A fala de Caronte mistura épocas, línguas, reinos, capturas, sonhos. É como se ele tivesse vivido mil vidas, sempre arrancado de si mesmo. Ele lembra a diáspora africana, mas com palavras de encantamento e ruína.

Chegam a um lugar estranho: Motakalim. A ilha é habitada por pequenos homens esverdeados, que falam uma língua misteriosa. Os visitantes dizem: “*Tulikwenda kutoa rambirambi kima wafima*” (Vimos prestar condolências aos enlutados), em suaíli. Mas quando Seu João profere o nome “Mwari”, é punido. Falar o nome de um deus é transgressão, e ele é expulso da montanha onde havia repousado.

A partir daí, o delírio se intensifica. João acredita estar no oceano Índico, entre Manica e Sofala. Voa com homens alados. Naufraga inúmeras vezes. A fronteira entre mundo real e sobrenatural evapora. Tudo vira delírio, visão, fragmento. Seu João está perdido não só no espaço, mas no tempo, na mente, na história.

Ao final, resta-lhe apenas a travessia no mar da demência. Nas águas fundas, turvas e turbulentas da sua mente em colapso, ele desaparece.

3.2 ENTRE ÁGUAS E VOZES DESOBEDIENTES

O conto “Águas Turvas, Turbulentas”, de Nei Lopes, como referido, faz parte da coletânea *Nas águas desta baía há muito tempo* (2017), obra na qual o autor constrói uma cartografia literária da Baía de Guanabara, território marcado por experiências históricas de colonização, escravidão e resistência negra. A narrativa acompanha os dois personagens mencionados na síntese apresentada: João Henriques Lima Barreto, pai do escritor Lima Barreto, e Caronte, um barqueiro enigmático. Ambos atravessam a baía num percurso que oscila entre delírio e lucidez, vida e morte, memória e fabulação.

Desde o início, a narrativa é marcada por uma atmosfera de suspensão. A primeira fala do personagem Seu João sugere uma quebra entre razão e desatino, e anuncia a travessia como processo de desmanche psíquico:

– Pois é, Seu João vosmecê tem toda razão de se revoltar contra essa patifaria de política que está aí. Tinha a sua colocação na imprensa, trabalhava na tribuna; tudo dentro da sua profissão, não é? E acabou aqui, neste exílio, neste castigo, tomando conta de doido e de mendigo. Essa República foi mesmo uma violência. [...].

– Eu também tenho toda a razão na minha revolta, meu amigo. Sou homem estudado, formado; já viajei os Sete Mares e tenho que trabalhar de piloto de lancha, de barqueiro nesta baía (LOPES, 2017, p. 187).

Esse trecho expressa não só a frustração individual de Seu João, mas evidencia a traição do projeto republicano que prometia cidadania, mas perpetuou a exclusão de sujeitos negros, mesmo quando instruídos ou “civilizados”. Seu João representa o fracasso de um ideal de modernidade eurocentrado, que marginalizou corpos negros ainda que conformes às normas sociais dominantes. A crítica aqui se ancora na ideia de

desobediência epistêmica: Seu João, embora formado, é reduzido a um papel servil, uma metáfora clara para a negação da agência negra no Brasil pós-abolição.

A presença de Caronte, nome tomado do barqueiro da mitologia grega é ressignificada por Lopes como uma figura afrodiásporica. Em seu relato, Caronte conta que foi capturado, escravizado e traficado, após ter um romance com a filha de um sultão:

- Eu tinha 15 anos. O meu povo estava envolvido numa disputa com outros povos. Quando perdemos a guerra, eu, meu pai, minha mãe, meu irmão e minha irmã fomos feitos cativos e separados, cada um vendido para um lugar. Eu fui levado para trabalhar no porto, no serviço de carga e descarga de navios. [...].

- Era uma pequena cidade na embocadura de um rio. [...]. mesmo escravo, eu ainda era um rapaz bonito, forte e bem-apegoado. Aí, servindo no palácio do sultão, fui envolvido pelos caprichos da princesa, que se apaixonou por mim. Com medo do que pudesse acontecer, eu fugia dessa situação. Mas o próprio príncipe, que até era meu amigo, quando lhe contei a história achou que eu era o culpado e me denunciou como sedutor de sua irmã. Então fui preso e sentenciado a morte. Mas o sultão preferiu me vender ao capitão de um navio, que levava e trazia mercadoria. (LOPES, 2017, p. 188-189).

A construção fabular não enfraquece a crítica histórica; ao contrário, ela opera como forma de narrar o trauma da diáspora africana, em chave mítica e simbólica. Caronte é um corpo que carrega a memória da captura e da travessia, funcionando como elo entre o passado escravocrata e a condição presente. Nei Lopes mobiliza aqui o que Grada Kilomba (2019) denomina *memória insurgente*, isto é, uma forma de lembrar a partir da dor, da ruptura, da resistência.

Outro trecho que se pode considerar fundamental em relação a questões de língua e linguagem, refere-se à mencionada chegada dos personagens à ilha de Motakalim, onde encontram as criaturas esverdeadas, que falam em língua local do grupo bantu:

- Achado fui eu, dentro de um navio. Aí, a caravela atingiu a costa de Magazalá e fundeou numa baía que o comandante batizou de Motakalim. Os marinheiros estavam muito alegres por poder desembarcar e desentorpecer as pernas em terra. Mas aí surgiram uns homenzinhos de pele esverdeada, vestindo só uma tanga pra tapar as vergonhas. marinheiros os prenderam e levaram pros navios, pra examinar melhor. E, depois de algum tempo, lavaram-nos bem lavadinhos, deram comida, vestiram e soltaram. No dia seguinte, eles voltaram e trouxeram mulheres; pequeninas também, mas bonitinhas, cheirosinhas... Ai, o chefe deles falou assim: *Tulikwenda kutoa rambirambi kiva wafiva*. E sabia aquela língua; e entendi perfeitamente (LOPES, 2017, p. 189-190).

A introdução dessa língua africana rompe com a hegemonia do português como única forma de expressão válida e reinscreve no texto uma estética afrocentrada e multilinguística. Isso aproxima o conto da proposta de Catherine Walsh (2009) e Walter Dignolo (2009) sobre o rompimento com a colonialidade do saber: Nei Lopes escolhe conscientemente romper com o padrão linguístico dominante para afirmar outras epistemologias.

Ao longo do conto, a voz de Seu João se torna cada vez mais delirante. Ele narra aventuras na costa de Zanzibar, encontros com reis africanos, riquezas acumuladas e perdas, naufrágios e aparições celestes. Essas imagens, ao mesmo tempo fabulosas e

simbólicas, refletem o colapso psíquico do personagem, mas também funcionam como metáforas da travessia atlântica, do desejo de retorno à África e da busca por uma reparação simbólica diante do exílio forçado, como pode-se ler em:

- [...] Antes de abandonar a ilha no barco, recebi ricos presentes do rei; que se somaram aos lucros que obtive em outros negócios que fiz. [...]
- Então, eu estava rico de novo. Ou ainda mais rico. E, assim, uma vez mais, saí de viagem. Entretanto, meu navio, ainda outra vez, naufragou. [...]. Acabei numa ilha, onde consegui travar amizade com o mais importante mercador do lugar. [...]. Entretanto, durante esse tempo, percebi que os homens do lugar passavam por uma estranha transformação uma vez por mês: neles cresciam asas e eles voavam até o céu, retornando depois.
- Convenci um deles a me carregar no voo; e dias depois fui levado ao céu por um dos homens alados. No alto vi anjos que cantavam louvores a Alá. Emocionado, exclamei “Mwari é grande!” – exaltando meu Deus -, o que irritou o homem alado, que então me abandonou no cimo de uma montanha. Sozinho novamente, encontrei dois adoradores de Mwari, que me entregaram uma bengala de ouro (LOPES, 2017, p. 192-193).

Os delírios de Seu João podem ser lidos como expressão do trauma transgeracional da escravidão e da diáspora. O naufrágio recorrente, o voo com os homens alados e o abandono na montanha por ter mencionado “Mwari” (Deus) indicam um descompasso entre sistemas culturais, espirituais e linguísticos. Ao evocar o nome de um deus africano em meio a seguidores muçulmanos, o personagem é punido, o que aponta para os conflitos identitários e epistemológicos vividos pelos sujeitos negros na diáspora.

O conto dialoga com a realidade brasileira contemporânea ao denunciar a continuidade da exclusão racial, a precarização das vidas negras e a patologização dos corpos racializados. Atravessado pela dor, mas também pela memória e resistência, o texto literário de Nei Lopes concretiza uma “memória insurgente” (Kilomba, 2019): a reativação crítica de um passado silenciado, agora narrado por quem foi historicamente calado.

A narrativa torna-se cada vez mais delirante, à medida que Seu João mergulha em suas memórias e delírios: “Seu João está em pleno oceano índico, entre Manica e Sofala, singrando as velas ao tépido arfar da viração marinha... Nas águas fundas, turvas, turbulentas da demência. Irremediável” (LOPES, 2017, p. 194).

O final do conto, com a imagem de João em pleno colapso mental, navegando entre Manica e Sofala, “nas águas fundas, turvas, turbulentas da demência”, sintetiza o tema do naufrágio como metáfora da condição negra na modernidade ocidental. Essa demência, longe de ser apenas patológica, é também efeito da alienação e do desenraizamento. Desse modo, esse final enigmático traduz o colapso psíquico de um sujeito dilacerado por múltiplas violências: colonial, racial, epistêmica. A imagem do oceano, ao mesmo tempo espaço de travessia, de exílio e de morte, é retomada como símbolo da diáspora e do naufrágio subjetivo. No conto, Nei Lopes transforma o mar em metáfora da história negra, das camadas de esquecimento e da turbulência interior causada pela exclusão contínua.

Além disso, essa demência pode ser interpretada como um modo de resistência: o desvio da razão cartesiana, a recusa do logos dominante. De acordo com Cuti (2010),

muitos textos da literatura negro-brasileira desestabilizam a lógica formal ocidental para criar espaços de narratividade outros, marginais, orais, híbridos. Lopes escreve dentro dessa linhagem, mas a expande ao inserir referências islâmicas, suaíli, míticas, reinventando inclusive o próprio idioma.

Ao fundir línguas africanas, mitologia, crítica social e personagens históricos, Nei Lopes constrói uma escrita que desestabiliza os limites entre literatura e política, entre memória e ficção. Sua obra realiza, assim, um gesto de desobediência epistêmica, uma forma de escrita que, ao mesmo tempo em que narra, resgata, denuncia e reimagina. Nesse sentido, “Águas Turvas, Turbulentas” encarna plenamente a noção de *literatura-que-pensa* e se inscreve no projeto de “epistemologias dissidentes” que desafiam o cânone e reivindicam outras formas de existir, de narrar e de conhecer.

A intertextualidade com Lima Barreto não é apenas afetiva (o personagem é pai do escritor); é simbólica. Assim como Lima Barreto foi marginalizado, rotulado como louco e invisibilizado, Seu João ecoa essa mesma trajetória, revelando como a exclusão se reproduz geracionalmente. A loucura, portanto, é também metáfora da perda de lugar no mundo.

Portanto, “Águas Turvas, Turbulentas” é um conto que opera em diferentes camadas: histórica, simbólica, linguística e política. Nei Lopes realiza um gesto de insurgência literária ao deslocar o centro da narrativa, adotando personagens negros como protagonistas do pensamento e da fala. Trata-se de uma narrativa que exemplifica como a literatura negro-brasileira pode funcionar enquanto forma de produção de conhecimento, de memória e de subjetividade, exatamente como propõem as epistemologias dissidentes que esta análise busca valorizar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do conto “Águas Turvas, Turbulentas”, de Nei Lopes, permite compreender como a literatura negro-brasileira contemporânea se constitui enquanto espaço de produção de conhecimento, subjetividade e resistência. Ao articular oralidade, ancestralidade, multilinguismo e personagens históricos e fabulosos, Lopes rompe com os modelos narrativos lineares e com os critérios epistêmicos hegemônicos que tradicionalmente sustentaram o cânone literário brasileiro.

A travessia dos personagens Seu João e Caronte pelas águas da Baía de Guanabara opera como metáfora da própria condição diaspórica negra: marcada pela descontinuidade, pela dispersão, pelo apagamento e pelo desejo de retorno. A loucura de Seu João, longe de ser apenas expressão patológica, se revela como sintoma e denúncia da violência epistêmica que silencia corpos negros, mesmo quando instruídos ou inseridos no aparato estatal. A presença da língua suaíli, a fusão entre mito e história, e a evocação de figuras marginalizadas como narradores da própria dor evidenciam uma escrita que desobedece, tensiona e reposiciona sentidos hegemônicos.

Nei Lopes, ao fundir elementos históricos, mitológicos e linguísticos da matriz africana com a crítica social aguda do Brasil contemporâneo, realiza um gesto que se inscreve na tradição das epistemologias dissidentes: não apenas contar outra história,

mas contá-la de outro lugar. Seu conto é, assim, mais que ficção: é um instrumento de insurgência cognitiva e poética. Ele encarna a “literatura-que-pensa”, conforme propõe a chamada da revista *A Cor das Letras*, na medida em que transforma o texto em campo de disputa, de afirmação e de reexistência.

Dessa forma, “Águas Turvas, Turbulentas” não apenas revisita o passado escravocrata e a marginalização histórica dos sujeitos negros, mas o faz por meio de uma linguagem que incorpora os saberes do corpo, da memória, do mito e da ancestralidade. Trata-se de uma literatura que reimagina a história, desestabiliza a norma e propõe novos modos de pensar, ou, como propõe Kilomba (2019), de “tornar-se sujeito”.

REFERÊNCIAS

- ASANTE, Molefi Kete. *Afrocentricidade: a teoria da revolução social*. Tradução Ana Monteiro-Ferreira, Ama Mazama e Ana Lucia. Philadelphia: Afrocentricity International, 2014.
- CUTI. *Literatura negro-brasileira: uma introdução*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FINNEGAN, Ruth. *Oral literature in Africa*. Cambridge: Open Book Publishers, 2012.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: 34, 2001.
- GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69–82, 1988.
- hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução: Heci Regina Candiani. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2007.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LOPES, Nei. *Nas águas desta baía há muito tempo: contos da Guanabara*. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- LOPES, Nei. *Conversando sobre Mandingas da mulata velha na cidade nova*. [Entrevista concedida a] Rafael Gomide Martins. Portal Literafro, UFMG. Disponível em: <https://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/343-nei-lobes>
- MAPERA, Martins. *Realismo e lirismo em Terra sonâmbula, de Mia Couto, e Chuva braba, de Manuel Lopes*. 2013. Tese (Doutorado em Estudos Culturais) – Universidade de Aveiro, Departamento de Línguas e Cultura, Portugal, 2013.

MIGNOLO, Walter D. Estética decolonial: entre o saber e o sentir. *In*: WALSH, Catherine (org.). *Pensamento crítico e matriz (de)colonial: referências em disputa*. São Paulo: Vozes, 2009. p. 139-172.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

OKPEWHO, Isidore. *African oral literature: background, character, and continuity*. Bloomington: Indiana University Press, 1992.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e colonialidade do poder: um diálogo crítico. *In*: WALSH, Catherine; CANDAU, Vera (org.). *Pensamento social e epistemologias do Sul*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 21-44.